

LEGADOS DE 120 ANOS DE RELAÇÕES BRASIL-JAPÃO

Alexandre Ratsuo UEHARA

Diretor Acadêmico das Faculdades Integradas Rio Branco (FRB). Mestre(1995) e Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo(2001). Foi pesquisador visitante na Universidade Keio (1993) e na Universidade Sophia (1999-2000) como bolsista da Fundação Japão. Membro do Corpo Docente do Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Ásia no Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da USP.

Resumo

O artigo aborda os 120 anos de relacionamento entre o Brasil e o Japão comemorados em 2015 por ocasião do aniversário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Ao longo desse período houve a ampliação das áreas de interação e há muitos aspectos para serem analisados. No texto, entretanto, são abordados apenas alguns exemplos como imigração, relacionamento econômico e cultural, nos quais se identificam alguns dos legados que demonstram a aproximação entre os dois países. Apesar da ampliação das relações ao longo do tempo, percebe-se que elas estão ainda aquém do potencial existente, pela importância dos dois países no cenário internacional, e que um aprofundamento e fortalecimento no relacionamento é possível.

Palavras-chaves

Relações Brasil-Japão; Relações Bilaterais; Imigração Japonesa; Cooperação Internacional; Relações Internacionais

Em 2015 foi comemorado os 120 anos das relações entre o Brasil e o Japão. Muitos eventos foram realizados demonstrando a grande aproximação existente entre os dois países, apesar da grande distância geográfica que os separa. Muitas vezes, as posições opostas no globo são mencionadas como barreiras, no entanto, houve e há avanços nem sempre identificados ou percebidos.

Neste artigo procurar-se-á apresentar alguns exemplos de legados decorrentes desse relacionamento no qual, obviamente não poderia deixar de considerar o fato de o Brasil ter a maior população de descendentes de japoneses fora do Japão, mas passando também pelas relações econômicas, sociais e políticas entre os dois países.

Legal populacional: o início

Os primeiros registros das iniciativas para o desenvolvimento das relações entre os dois países datam do século XIX, período em que, com o objetivo de intensificá-las, foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão em 5 de novembro de 1895. Nesse período final do século XIX, a economia japonesa passava por uma transição importante rumo à industrialização à urbanização. Todavia, essa transformação produziu dificuldades, houve aumento um aumento populacional e paralelamente uma ampliação do desemprego (UEHARA, 2008). Essas dificuldades econômicas causaram tensões sociais que estimularam a imigração no Japão, inclusive com apoio governamental.

No caso brasileiro o primeiro grande grupo de imigrantes chegou ao país no navio Kasato Maru, que atracou no porto de Santos às 17 horas do dia 18 de junho de 1908. Avaliando-se o lapso de tempo, pode causar estranheza o fato de terem se passado 13 anos entre a assinatura do Tratado de Amizade e a chegada dos primeiros imigrantes, já que o próprio governo do Japão apoiava a saída para outros países. Uma das razões importantes para essa postergação da imigração japonesa foi o fato de haver resistências no Brasil. Havia se disseminado a informação de que os imigrantes japoneses eram difíceis de serem integrados à sociedade ocidental e, também, que significavam uma ameaça ao emprego dos trabalhadores nacionais por se submeterem a salários menores.

No caso do Brasil em particular havia ainda a concepção, por uma parte da elite social, da necessidade de branqueamento da população do país para a conformação da nação brasileira. Em 1901, houve uma tentativa de imigração mal sucedida em razão dessas resistências, que se refletem nas palavras de Manuel Oliveira Lima, Ministro Plenipotenciário do Brasil no Japão:

A “imigração parece-me pouco desejável tanto pelo perigo que oferece de uma maior mistura de raças inferiores na nossa população, como pela carência de experiências agrícolas com modernos processos e utensílios que existe entre a população rural destes países asiáticos” (LEÃO,1990, p. 22)

Todavia, o final da escravatura, o aumento das restrições pelo governo da Itália, em 1902, à vinda de mais imigrantes ao Brasil, associados à retomada da dinâmica da lavoura cafeeira em 1903, favoreceu e impulsionou a imigração japonesa ao Brasil iniciada em 1908. Do lado japonês houve ainda a Guerra contra a Rússia nos anos de 1904 e 1905, que aprofundaram as dificuldades econômicas à população e contribuíram para imigração.

Nesse início, a convergência de interesses entre o Brasil e o Japão favoreceu a vinda dos primeiros japoneses, no entanto, não significou ausência de problemas. Célia Sakurai (1998, p.7) relata que “as reações dos japoneses perante o Brasil é de total estranhamento a tudo que os rodeia. O clima, a língua, a alimentação e, sobretudo, as condições de trabalho provocam nesses imigrantes, uma grande desilusão”. Porém, mesmo com essas e outras dificuldades que se apresentaram ao longo do tempo o fluxo de imigrantes japoneses continuou. Ao longo dos 120 anos de relacionamento, a primeira metade do século XX foi marcada, principalmente, pelo fluxo migratório de japoneses ao Brasil, como se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1
Imigração Japonesa ao Brasil por Período %

Total de imigrantes	234.636	100.0%
1908- 1923	31.414	13.4%
1924-1941	137.572	67.1%
1952-1963	45.650	19.5%

Fonte: Suzuki, 1969apud Sakurai, 1998, p.8

Na segunda metade do século XX o fluxo de imigrantes continua, mas em número menor. Mesmo assim, o Brasil se tornou o país com a maior população nikkey (imigrantes e descendentes) fora do arquipélago japonês. Essa população é um legado sempre lembrado nos discursos dos políticos diplomáticos para enfatizar a importância do relacionamento nipo-brasileiro. É difícil quantificar importância dessa presença no Brasil, segundo os dados do Censo Demográfico de 2000 realizado pelo IBGE, estimada em mais de 1,4 milhões de pessoas (BELTRÃO, SUGAHARA, KONTA, 2008, p.59) concentradas principalmente no Estado de São Paulo. Todavia, é indiscutível que ela é um fator importante para os laços afetivos entre os dois países.

Legado agrícola: evolução e contribuições

Esses imigrantes trouxeram contribuições para a agricultura brasileira não apenas para a cafeicultura, para onde foram direcionados inicialmente, mas também para introdução e produção de outros alimentos. Já a partir da década de 1930 produtos alternativos ao café, o cultivo de chá e legumes, por exemplo, se destacavam por na produção total do Estado de São Paulo.

TABELA 2

Participação da produção dos imigrantes e seus descendentes na produção total Estado de São Paulo - Safra 1931-1932

Produtos	Participação	Produtos	Participação
Chá	75,0%	Bananas	11,3
Legumes	70,0%	Arroz	8,0
Casulos de bicho da seda	57,0%	Café	5,0
Algodão	46,4	Feijão	4,6
Batatas	14,0	Milho	4,0

Fonte: MAURETTE, Fernand. Alguns aspectos sociais do desenvolvimento atual e futuro da economia brasileira. Revista Brasileira de Imigração e Colonização, 9(1), Mar/1948. p.47-89. (Apud LEÃO, Valdemar Carneiro. A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1940): contornos diplomáticos. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989).

Mas não foi somente em São Paulo que a produção dos imigrantes japoneses se destacaram, Alfredo Kingo Oyama Homma (2009, p.119), destaca que:

A “imigração japonesa, ao introduzir o cultivo da juta nas várzeas amazônicas, atingiu o seu apogeu na década de 1960, participando com 1/3 do PIB do Estado do Amazonas. A pimenta-do-reino, nas áreas de terra firme do Estado do Pará, chegou a participar com mais 35% do valor das exportações na década de 1970. Estas duas culturas marcaram uma fase na economia da Amazônia com grandes repercussões sociais, políticas e ambientais”.

O sucesso na produção agrícola fez com que a reputação dos imigrantes e descendentes de japoneses na gestão da lavoura fosse desejada também por outro estado brasileiro, Santa Catarina. De acordo com André Souza Martinello e Ely Bergo de Carvalho (2011, p. 461) houve uma política de atração dessas pessoas porque:

“Os nikkeis trariam consigo o progresso para a zona rural; as práticas de fruticultura; a capacidade de cultivar para abastecer cidades com hortigranjeiros; e, ainda, ensinariam todos os repertórios aos colonos nacionais, seja a ordem da propriedade e a dedicação ao trabalho, sejam maneiras mais competentes de gerir os recursos naturais e financeiros. Tal representação do japonês modernizador faz conexões importantes com a identidade regional e nacional.”

Na área agrícola, além das contribuições dadas pelos imigrantes, há que se ressaltar também o grande projeto no cerrado do país que conduziu o Brasil a uma posição de destaque como um dos grandes produtores e exportadores mundiais de soja. Atualmente o país disputa com os EUA o posto de maior produtor mundial.

TABELA3
Produção de Soja
(Milhões de Toneladas Métricas)

Safra	EUA	Brasil
2013/2014	91.39	86.70
2014/2015	106.88	96.20
2015/2016 (Projeção)	106.95	100.00

Fonte: Foreign Agricultural Service/USDA. World Agricultural Production. Table 11 Soybean Area, Yield, and Production. Disponível em: <http://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>. Acessado em 02 fev. 2016.

Essa condição de estar entre os maiores produtores de soja do mundo obteve importante contribuição do ‘Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado’ (Prodecer), que foi desenvolvido em parceria com o Japão.

“A Marubeni concedeu e organizou – valendo-se de um crédito de três milhões de dólares aberto pelo Overseas Economic Cooperation Fund, de Tóquio – o início do plantio de soja em grande escala, no cerrado brasileiro, permitindo ao Brasil concorrer com os EUA na comercialização mundial de leguminosa. Estratégias semelhantes têm sido aplicadas no tocante às exportações brasileiras de frangos e suco de laranja”. (OLIVEIRA, 1993, p. 17)

Com o desenvolvimento das atividades agrícolas no país, surgiram outras oportunidades econômicas para os nikkeis, que começaram com o capital acumulado, inicialmente, gerado em atividades relacionadas à área agrícola a instalação de pequenas indústrias.

Legado econômico: indústrias nacionais e investimento direto

Na área econômica destacam-se o comércio exterior e investimentos diretos entre os dois países, mas também o desenvolvimento de empreendimentos dos nikkeis no Brasil. Um exemplo é a empresa Jacto, que surge relacionada à área agrícola, a qual criou oportunidades para o surgimento de várias empresas de imigrantes e descendentes de japoneses.

A Jacto foi fundada em 1948, por Shunji Nishimura, na cidade de Pompéia, interior do Estado de São Paulo, era inicialmente como uma pequena oficina de consertos gerais, entre os quais estavam equipamentos agrícolas. A empresa cresceu com o desenvolvimento da agricultura e da economia brasileira e constitui atualmente o Grupo Jacto, com presença em mais de 108 países¹. Em 2014 foi classificada no ranking Melhores e Maiores da Revista Exame (BARBOSA, 2014) como a melhor empresa do setor de Agronegócio e a melhor do setor de Bens de Capital.

As contribuições empresariais envolvem também empresas japonesas que instalaram plantas no país por meio de investimentos diretos, principalmente na segunda metade do século XX.

“Até 1955 eram apenas de seis empresas, no período de cinco anos entre 1956 a 1960 aumentaram para trinta e cinco empresas. Casos representativos eram as empresas de tecelagem como Toyobo Co. Ltd, Kanebo Co. Ltd, e outras como o estaleiro Ishikawajima, Toyota Motor Corp, Yanmar Diesel Engine Co. Ltd, Howa Machinery, NGK Spark Plug Co. Ltd” (HORISAKA, 1997, p.75).

Os investimentos diretos japoneses ganharam maior destaque nos anos da década de 1970, com participações importantes em setores como o de mineração, de alumínio, de papel e celulose, e da siderurgia. Entre as contribuições na mineração um deles está relacionado ao projeto Carajás, no qual o Japão investiu, financiou e colaborou com missões de pesquisa para sua exploração. Só em financiamento foram destinados US\$ 47,7 milhões nesse período. No setor de papel um

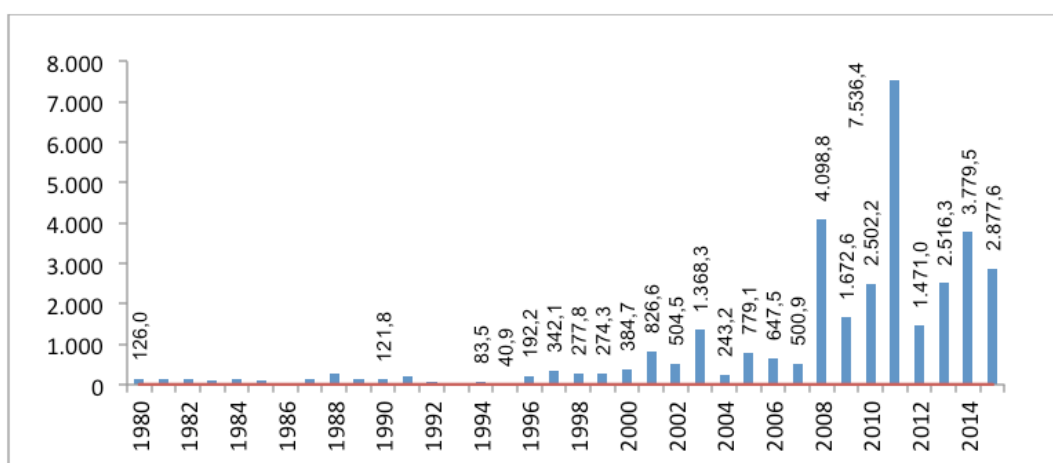
¹ JACTO. O Trevo. Disponível: <http://www.jacto.com.br/pt/empresa/detalhes/2/o-trevo>. Acesso em 10 jan 2016.

empreendimento importante foi o da Cenibra (Celulose Nipo-Brasileira), fundada em 1973 como resultado de um joint-venture entre a Companhia Vale do Rio Doce – CVRD - e a Japan Brazil Paper and Pulp Resources Development Co (JBP), mas desde 2001, o consórcio japonês JBP adquiriu 100%² do seu capital da empresa. Na siderurgia um projeto importante é resultado do acordo Lanari-Horikoshi estabelecido em junho de 1957 para a entrada de capital japonês na Usiminas, para investimentos em tecnologia e equipamentos³.

Durante as décadas de 1980 e 1990, em razão das dificuldades econômicas brasileiras, o fluxo de investimentos diretos japoneses reduziu, mas a partir de 1994, com a retomada do controle da inflação houve uma tendência de retomada de crescimento, conforme pode ser observado no Gráfico 1.

GRÁFICO 1

INVESTIMENTOS DIRETOS JAPONESES NO BRASIL (US\$ Milhões)



Fonte: Banco Central do Brasil. Notas econômico-financeiras para imprensa. Vários anos. Disponível em <http://www.bcb.gov.br/?ecoimprensa>. Acesso 15 Jan. 16

Entre os investimentos destacados estão a compra de 10,1% da Valepar pela Mitsui no valor de US\$ 829,5 milhões no ano de 2003. Em 2005, a Tokio Marine & Nichido Fire adquiriu o controle da empresa Real Seguros por R\$ 897 milhões. Em 2008, a empresa Big Jump Energy Participações S.A. ("BIG JUMP"), formada pelas empresas ITOCHU Corporation, JFE Steel Corporation, Nippon Steel Corporation, Sumitomo Metal Industries, Ltd., Kobe Steel, Ltd., Nisshin Steel Co, Ltd. e POSCO compraram cerca de 40% do capital votante e total da NAMISA (Nacional Minérios S.A), uma subsidiária da CSN (Companhia Siderurgica Nacional), pelo valor total de

² Cenibra. Celulose Nipo-Brasileira. Disponível em: <http://bracelpa.org.br/bra2/?q=en/node/46>. Acesso em 20 Jan. 16.

³ USIMINAS, Histórico. Disponível em: <http://ri.usiminas.com/ptb/historico>. Acesso em 20 Jan. 16.

aproximadamente US\$ 3,08 bilhões⁴. Em 2015, houve outro acordo entre a Namisa e a CSN, envolvendo cerca de US\$ 16 bilhões para institucionalização da nova empresa, Congonhas Minérios, que é uma das 10 mineradoras do mundo (FONTES E RIBEIRO, 2015). Na área de alimentos, em 2011, a Kirin anunciou a compra da Schincariol no valor de R\$ 3,95 bilhões, essa foi uma das operações que contribuíram para elevação do volume de investimentos diretos japoneses no Brasil nesse ano.

Independente do produto, a imagem de boa qualidade é uma marca das empresas japonesas no Brasil. Um segmento em que a participação das empresas japonesas tem crescido é o automotivo. Considerando o período de 2010 a 2015, a soma das vendas de carros produzidos no Brasil das empresas japonesas Honda, Mitsubishi, Nissan e Toyota tiveram importante crescimento, mesmo nos dois últimos anos em que a economia brasileira apresentou redução das suas atividades econômicas (Tabela 4).

A presença das empresas japonesas no Brasil é importante pelas suas contribuições também para o desenvolvimento da qualidade dos produtos na economia brasileira, pois impuseram uma maior concorrência no mercado de automóveis.

TABELA 4
LICENCIAMENTO DE VEÍCULOS NACIONAIS DE EMPRESAS JAPONESAS

ANO	Honda	Variação (%)	Mitubishi	Variação (%)	Nissan	Variação (%)	Toyota	Variação (%)	Total das Japonesas	Variação (%)
2010	107311		15342		13800		55029		191482	
2011	76363	-28,8%	14037	-8,5%	16688	20,9%	53157	-3,4%	160245	-16,3%

⁴ CSN - Fato Relevante. Disponível em: http://www.acionista.com.br/home/csn/301208_parceria_es-trategica.htm. Acesso em 20 Jan. 16

2012	116726	52,9%	15846	12,9%	15279	-8,4%	63336	19,1%	211187	31,8%
2013	120768	3,5%	19577	23,5%	9544	-37,5%	116152	83,4%	266041	26,0%
2014	125175	3,6%	25514	30,3%	21895	129,4%	129712	11,7%	302296	13,6%
2015	146712	17,2%	16643	-34,8%	40992	87,2%	128721	-0,8%	333068	10,2%

Fonte: ANFAVEA. Anuário da Indústria Automobilística Brasileira – 2016.
Disponível em: <http://www.virapagina.com.br/anfavea2016/#l/z>. Acessado em 02 fev. 2016.

Paralelamente ao crescimento dos investimentos houve também, apesar das flutuações, uma tendência de elevação do comércio bilateral até 2011 (Gráfico 2). O Japão é um importante parceiro e foi o sexto maior destino às exportações totais do Brasil em 2015. O Japão destaca-se como sendo o segundo maior mercado para “Minérios de ferro e seus concentrados” e para “Carne de frango congelada, fresca ou refrigerada incluído seus miúdos”. E foi ainda, o sexto maior comprador de aviões da Embraer em 2015.

Do lado inverso, ou seja, nas importações, o Japão foi a sexta maior origem das importações totais do Brasil em 2015. Entre os principais produtos importados estiveram “Partes e peças para veículos automóveis e tratores” (segundo lugar), e Automóveis de passageiros (segundo lugar).

GRÁFICO 2
COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL COM JAPÃO



Fonte: MDIC. Balança Comercial Brasileira: Mensal. Vários anos.
Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>. Acesso em 10 Fev. 2016.

Legado na Cooperação Internacional: ampliação do papel internacional

De acordo com a Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA), a cooperação entre o Brasil e o Japão se inicia nos anos 1950. Durante décadas o Brasil foi receptor privilegiado de recursos japoneses para o seu desenvolvimento. Um legado da cooperação Brasil-Japão já mencionado foi o Prodecer, desenvolvido na região centro-oeste brasileiro. Outro projeto importante foi desenvolvido em São Paulo foi o do rebaixamento da calha do Rio Tietê (SP), acordo estabelecido em 1995 (JICA, 2011, p.4), que contribui para redução dos alagamentos das margens do rio, em que ficam as Marginais do Rio Tietê, importantes vias de trânsito da cidade.

Outra contribuição tecnológica importante do Japão para o Brasil que começa a ter repercussão nacional é o sistema digital de transmissão dos sinais de TV. Em 2015, ano da comemoração dos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão, foi definida a total desativação do sistema analógico até 2018, e a implantação do sistema digital baseado no padrão ISDB-T utilizado no Japão. O sistema foi desenvolvido em parceria, após acordo assinado em 2006, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e o decreto que regulamentava a escolha do padrão japonês para a TV digital brasileira, oportunidade em que esteve presente também o ministro das Comunicações do Japão, Heizo Takenaka.

Com o crescimento da economia brasileira e o aumento da renda per capita, o perfil da cooperação entre o Brasil e o Japão foi sendo transformado. Atualmente a parceria tem como característica principal a 'Cooperação Triangular', que vem sendo desenvolvida desde 1985 e tem como objetivo atender temas Globais (JICA, 2011, p.3), entre os quais se destaca o do meio ambiente. Esse novo perfil faz da cooperação internacional um instrumento de aproximação dos governos brasileiro e japonês.

Legado Cultural

São muitos os legados obtidos pelo Brasil nos 120 anos de relacionamento com o Japão, neste texto foram apresentados apenas alguns exemplos, sem a pretensão de se esgotar as possibilidades. Por exemplo, há os aspectos organizacionais de administração que fizeram muito sucesso em anos anteriores e ainda continuam sendo empregados pelas empresas como o kaizen, jus-in-time, kanban entre outros que ajudaram a aumentar a produtividade das empresas.

Aliás, em termos de organização e disciplina os torcedores japoneses durante a Copa do Mundo de 2014 também deixaram seu legado, após o jogo da seleção do Japão contra a da Costa do Marfim, ao limparem o estádio da Arena Pernambuco. Esse episódio chamou a atenção da nação brasileira, mas não foi a primeira vez que a limpeza dos japoneses surpreendeu os brasileiros. J. Amândio Sobral, inspetor de imigrantes do Estado de São Paulo, em artigo publicado no jornal Correio Paulistano de 26 de junho de 1908, afirmou que “houve em Santos quem afirmasse que o navio japonês apresentava em sua 3ª classe mais asseio e limpeza que qualquer transatlântico europeu de 1ª classe”. (COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 2001, p.66)

Ao longo do tempo foram incorporados pela sociedade brasileira outros aspectos da cultura japonesa, como: as artes marciais (Judo, Karatê, kendo); religiões; alimentos como legumes e frutas (caqui, maçã Fuji, ‘pepino japonês’, moyashi – broto de feijão); temperos (shoyu, misso, wasabi, aji-no-moto). Além desses elementos, há vários outros, mas a culinária é uma que tem conquistado grande popularidade.

No Brasil, durante muito tempo, os alimentos japoneses não eram bem aceitos pelos não descendentes, comer os files crus de peixe dos sashimi e sushi era algo difícil para muitos. Todavia, nos últimos anos os pratos japoneses pelo fato de serem percebidos como uma alimentação saudável têm se tornado mais popular no Brasil. Como resultado, de acordo com a pesquisa de 2014 da Abrasel – Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de São Paulo-, há mais restaurantes de comida japonesa do que churrascarias em São Paulo. Pelo levantamento, enquanto as churrascarias totalizaram 500 estabelecimentos nesse ano, os restaurantes japoneses já somavam 750.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi registrar que as relações nipo-brasileiras já obtiveram avanços significativos nos 120 anos de relacionamento. Esse período permitiram trocas e compartilhamentos de experiências, o conhecimento mútuo entre brasileiros e japoneses se ampliaram em comparação ao final do século XIX e início do século XX.

Avaliando-se o cenário internacional nota-se que a ausência da estrutura bipolar da Guerra Fria abriu espaços para que tanto o Brasil, como o Japão, possa ampliar sua inserção internacional. Há indicadores que sinalizam que é possível, neste início de século XXI, diversificar os tipos de interações bilaterais e, conseqüentemente, superar as tradicionais relações de interesses complementares, sejam eles sociais, políticos ou econômicos.

Para isso, considera-se necessário buscar-se ampliar os contatos, as trocas de informações e o conhecimento bilateral que permitam uma avaliação das relações bilaterais, uma análise que permita aproveitar o aprendizado de mais de cem anos de relacionamento. Com isso, identificar novos e possíveis interesses mútuos e interagir para converter em ações conjuntas e benefícios mútuos.

Contudo, para que o processo de aproximação possa ser aprofundado, entende-se que os dois países ainda possuem muitas áreas para serem desvendadas. Aprofundar o conhecimento entre ambos poderá possibilitar a identificação de interesses e potencializar as colaborações, que têm sido avaliadas como abaixo das reais possibilidades entre os dois países.

Finaliza-se este artigo parabenizando a todos que contribuíram para fazer o sucesso dos 120 de relacionamento Brasil-Japão, incentivando aqueles que se dedicam a ampliar e fortalecer a interação entre os dois países até o momento atual e, desafiando aos que no futuro, usufruindo de todo legado que será deixado, poderão fazer grandes contribuições para os dois países.

Referências

BARBOSA, Daniela. Jacto é a melhor do agronegócio de Melhores e Maiores 2014. Melhores e Maiores. Revista Exame, 16/06/2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/jacto-e-a-melhor-do-agronegocio-de-melhores-e-maiores-2014>. Acesso em 12 Jan 2016.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe; KONTA, Ryohei. Vivendo no Brasil características da população de origem japonesa. PP. 55-71. In: IBGE - Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro : IBGE, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=238935>. Acesso em 20 Dez. 2015.

Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos Da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

Feira impulsiona negócios, gastronomia e preservação da memória da culinária japonesa. Made in Japan, 28 de julho de 2015. Disponível em: <http://madeinjapan.com.br/2015/07/28/feira-impulsiona-negocios-gastronomia-e-preservacao-da-memoria-da-culinaria-japonesa/#sthash.noKZBlqq.dpuf>. Acesso em 20 Dez. 2015.

FONTES, Stella; RIBEIRO, Ivo. CSN conclui acordo de US\$ 16 milhões com sócios asiáticos da Namisa. Disponível em <http://www.valor.com.br/empresas/4335466/csn-conclui-acordo-de-us-16-bilhoes-com-socios-asiaticos-da-namisa>. Acesso em 20 Dez. 2015.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Somanlu, ano 9, n. 1, jan./jun. 2009. P.113-133.

HORISAKA, Kotaro. "Alvorada das relações econômicas nipo-brasileiras". p. 55-78. In: YOKOTA, Paulo. *Fragmentos sobre as relações nipo-brasileiras no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

IBGE - Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro : IBGE, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=238935>. Acesso em 20 Dez. 2015.

JICA. Disponível em: <http://www.jica.go.jp/brazil/portuguese/office/publications/pdf/jicanobrazil2011.pdf>. Acesso em 20 Dez. 2015.

LEÃO, Valdemar Carneiro. *A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934): contornos diplomáticos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989.

MARTINELLO, André Souza e CARVALHO, Ely Bergo de. Colonização japonesa em Santa Catarina: metamorfoses na imigração tutelada. *História Unisinos*. 15(3), Setembro/Dezembro 2011. P :453-465.

OLIVEIRA, Amaury Porto. *O Brasil e a Bacia do Pacífico*. In: Cadernos do IPRI. Fundação Alexandre Gusmão. Dezembro de 1993.

SAKURAI, Célia. *Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941*. En: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Outubro 1998 Caxambu-MG

SUZUKI, Teiichi. *The Japanese immigrat in Brazil. Narrative part*. Tokyo: Tokyo Univrsity Press. 1969.

UEHARA, Alexandre R. *Presença Nikkei no Brasil: integração e assimilação*. In: DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS. Estudos Japoneses. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Letras, n.28, 2008.

YOKOTA, Paulo. *Fragments sobre as relações nipo-brasileiras no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.